

VASP — jeito brasileiro, padrão internacional



O cineasta Pedro Jorge em Itaíçaba, no Ceará

CINEMA

A seca realidade nordestina na câmera de Pedro Jorge: Tigipió

No próximo dia 30 começam as filmagens de Tigipió, primeiro longa-metragem do cineasta Pedro Jorge de Castro, inspirado no conto de mesmo nome do escritor Herman Lima, tendo como ambiente o Nordeste maltratado pela seca de 1918. As primeiras situações a serem filmadas constituem trechos documentários, e o trabalho com atores terá início no dia 1º de novembro, prosseguindo durante seis semanas, em Itaíçaba, interior do Ceará. Nos papéis principais estão B. de Paiva (Coronel Cesário, rico fazendeiro falido pela seca), Regina Dourado (Matilde, filha do coronel), José Dumont (Heitor, engenheiro chefe de uma frente de trabalho do governo, que se apaixona por Matilde) e Roberto Bonfim (Reinaldo, funcionário da prefeitura e amigo de Heitor).

Lendo o conto de Herman Lima, Pedro Jorge (que também é professor de Televisão na UnB e de Mestrado em Cinema na USP) descobriu no escritor um anotador sensível da realidade e resolveu passar para a tela a história verdadeira que ele relata. Mas, no filme, a seca é apenas pretexto para se mostrar situações encadeadas e desencadeadas pela triste realidade do Nordeste.

Além do Nordeste, que se desenrola numa determinada região do Ceará durante a seca de 1918, há o drama do conjunto — desde o sofrido trabalhador que vê em um passarinho a soça da noite, até o orgulho de um coronel do sertão curvado à humilhação de fazer chapéus de palha para vender, se quiser sobreviver.

Em resumo, Tigipió não mostra especificamente as consequências da seca de 1918, mas problemas bem atuais. Realidade de uma gente e de uma terra que, mesmo abandonadas e esquecidas, continuam personagens centrais de uma história iniciada nos primórdios da colonização brasileira. Tanto no conto de Herman Lima, como no filme proposto por Pedro Jorge, a seca é um drama capaz de deixar de cócoras a mais orgulhosa das personalidades.

Segundo o cineasta, seu filme não tem pretensões maniqueístas, isto é, não pretende dar nenhuma lição de moral a ninguém, mas transmitir ao público as emoções vivenciadas pelas personagens. "São todas as emoções com as quais me identifico. E aqui faço minhas as palavras de Heitor, uma das personagens — gostaria de poder vislumbrar muito mais futuro do que saudade, mas não consigo".

— Tigipió — continua Pedro Jorge — não é uma superprodução cinematográfica, aliás é de poucos recursos financeiros e organização. E, por falar em organização, isto é o que não falta à produção do filme. Com apoio do Grupo Novo de Cinema e TV Ltda, de Belo

Horizonte, a equipe, sob o comando de Jefferson Albuquerque, já está em Itaíçaba, fazendo locações e inclusive restaurando ambientes para os cenários.

Para facilitar o trabalho da produção, Pedro Jorge explica que as fichas de leitura são preenchidas com base na leitura do roteiro, procurando evidenciar os elementos que constroem cada plano, o que permite o levantamento estatístico da entrada dos atores em cena e agrupamento por sequência, definindo quanto tempo de filmagem será necessário para cada ator. "Através dessa leitura técnica, imagina-se para cada cenário os objetos que vão aparecer, desde uma simples lâmparina pendurada num prego até o móvel mais importante, além de facilitar uma série de outras coisas".

A organização da produção desce a detalhes que vão desde o agrupamento das sequências a serem filmadas até etiquetas autocolantes com a marca Tigipió para identificação da equipe. São distribuídas, ainda, entre atores, técnicos e jornalistas, circulares indicando os contatos da produção em Fortaleza e Brasília.

Quanto ao serviço de apoio (pedreiro, costureira, cozinheira, pintor, marceneiro, etc) Pedro Jorge afirma que se feito esforço para contratar mão-de-obra em Itaíçaba mesmo e não em Fortaleza. A disposição da produção há três Caravan, uma Kombi e um caminhão para guardar todo o equipamento das filmagens, que está sendo transportado de Belo Horizonte para Fortaleza de avião. "E para qualquer eventualidade, sabemos que a cada dois dias sai um carro de Itaíçaba para Fortaleza".

Os atores serão recebidos e hospedados em Fortaleza pela Empresa Cearense de Turismo (Encetur) até o dia da viagem para Itaíçaba, onde a produção alugou quatro casas e fez instalações hidráulicas e sanitárias em duas delas. "A organização — argumenta Pedro Jorge — é para viabilizar a transformação em filme de um script trabalhado durante mais de dois anos. Neste momento, estamos fazendo as plantas baixas, ou seja, desenhando a localização de câmaras e movimento de atores em todas as sequências. E, nesta semana, ainda teremos uma leitura com B. de Paiva para afinar o texto".

Tudo pronto para começar, só falta mesmo a Embrafilme liberar o dinheiro da co-produção. Enquanto isso, fica aqui um dos diálogos do filme para aliviar ou aumentar as expectativas:

"Pedro, um cego (pressentindo que Heitor vai passando no meio do carnaubal) — Seu Heitor.

Heitor — Dormindo aí, seu Pedro?
Pedro — Um pouquinho. Pelo menos eu sonho e aí encherço que é uma beleza..."

Marcio Di Pietro



"O filme enfoca um problema social de grande atualidade"

Coronel Cesário, a estréia de B. de Paiva na tela grande

Se muitas coincidências reunidas em mesmo acontecimento significa sinal de boa sorte, Tigipió não enfrentará tempo ruim. Trata-se de um filme dirigido por um cearense, inspirado em conto de outro cearense, trazendo no papel principal um ator também cearense e com trilha sonora de mais um cearense. Marca a estréia de Pedro Jorge com longa-metragem, é o primeiro texto de Herman Lima que vira filme, e, pela primeira vez, B. de Paiva ganha o papel principal em um trabalho para o cinema. Ednardo, autor das músicas nunca havia composto para cinema.

Em 36 anos dedicados à arte de representar, este é o terceiro filme para B. de Paiva. "Parece até piada, mas é verdade. Meu primeiro filme, em 1972, era para o cinema, mas acabou estreando na televisão e chamava-se O Filho Pródigo. O segundo, dirigido por Ipojuca Pontes, em 1977, tinha o título de A Volta do Filho Pródigo". Mas tarde, ele dirigiu um documentário científico, filmado entre os índios Ticuna, mostrando como trabalhavam os Curare. "Esse

documentário nunca foi explorado comercialmente".

Para a televisão, B. de Paiva, fez inúmeras representações, a mais recente delas no especial Lampião e Maria Bonita. "Meu negócio mesmo é teatro. Não dá dinheiro, mas é tão bom... Aceitei fazer Tigipió, primeiro para dar uma força a bom profissional que está iniciando. Segundo, porque sou baísta e cearense mesmo. Terceiro, porque o filme enfoca um problema social muito atual, que é a situação do Nordeste".

Além disso, B. de Paiva, comenta que tem coisa a ver entre o personagem que interpreta (Coronel Cesário) e o seu avô, que também era um coronel fazendeiro. "Um coronel do Nordeste nunca deixa de ser coronel. Mesmo tendo perdido tudo, não perde a pose. É um tipo em extinção que representa o Brasil medieval, personificação dos valores morais que deformaram a figura da mulher durante muitos anos. Gosto do papel e gosto do Herman Lima".